

# Um acerto literário a partir de *Um erro emocional*

*A literary hit from Um erro emocional*

Cynthia Mara Masetto  
Otto Leopoldo Winck  
UNIANDRADE

**Resumo:** Este artigo propõe uma abordagem da obra literária *Um erro emocional* do escritor Cristovão Tezza à luz da Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar, fazendo menção à Teoria Geral dos Campos de Pierre Bourdieu. Esta abordagem, no entanto, leva em conta apenas os aspectos que demonstram ambas as teorias tomando-se base a representatividade das personagens no que concerne às lutas de força no interior do campo literário, pois que o romance é protagonizado por Donetti – um produtor de literatura – e Beatriz – uma revisora literária. Do encontro destas personagens nasce toda uma reflexão de como ocorrem as interposições a que se referem as teorias de Even-Zohar e Bourdieu. Salientamos, porém, que não se trata aqui de uma análise do campo literário brasileiro ou regional. Mas apenas da inferência possível a partir do enredo do romance no que concerne à relação do campo literário com outros campos, bem como nas tensões ocorridas no interior do próprio campo literário.

**Palavras-Chave:** Um erro emocional. Campo literário. Teoria dos Polissistemas. Inferência.

**Abstract:** *This article proposes an approach literary work An emotional error writer Christopher Tezza to the Theory of Polysystem of Itamar Even-Zohar, making mention of the General Theory of Fields of Pierre Bourdieu. This approach, however, takes into account only those aspects that demonstrate both theories taking - is based on the representation of the characters with respect to power struggles within the literary field. This because the novel is starring Donetti - a literature producer - and Beatriz - a literary reviewer. The meeting all these characters arises a reflection of how the interposition occur referred to the theory Even-Zohar and Bourdieu. We stress, however, that this is not an analysis of the Brazilian literary field or regional. But the only possible inference from the plot of the novel quoted regarding the relationship of the literary field with other fields as well as the tensions that have occurred inside the own literary field.*

**Keywords:** *An emotional error. Literary field. Theory of Polysystem. Inference.*

## Introdução

Até que ponto o campo da arte, da literatura, está relacionado a outros campos da atividade social? Quem determina quando e se uma determinada obra pode ser considerada literatura? Arte?

Tendo em vista questionamentos como estes é que se recorre à *Teoria dos Polissistemas*, elaborada pelo israelense Itamar Even-Zohar desde os anos 70 e apresentada em versão inglesa apenas em 1978. Teoria esta que se compõe de todas as manifestações literárias de uma determinada cultura, sejam estas canonizadas ou (ainda) não. Segundo ele, em seu artigo, a ideia de sistema é bastante pertinente, uma vez que confere maior possibilidade de relacionar fatos que até então eram analisados de forma isolada, o que acabava por permitir que parte do entendimento ficasse prejudicado. Então, trabalhar com a ideia de sistema possibilitou, em suas palavras, “a observação de leis que regem a diversidade e a complexidade dos fenômenos mais que o registro e a classificação desses” (EVEN-ZOHAR, 1978, p. 1). Diversos são os elementos que compõem um sistema literário; como qualquer outro sistema. É uma intrincada rede funcionando de maneira a proporcionar que o sistema, como um todo, se revigore a cada novo elemento que se modifica dentro desta rede.

Um produtor – como preferem chamar os escritores de literatura – está sujeito, bem como sua obra, a uma série de fenômenos que se relacionam entre si, de modo que, para que uma obra possa ser considerada como pertencente ao cânone acabam tendo de percorrer um longo caminho além de ter de lutar contra forças que a todo instante tensionam por ocupar também um lugar no sistema literário. São estas forças em tensão que conferem dinâmica ao sistema tornando-o heterogêneo, versátil, aberto e, por conseguinte, polissistêmico uma vez que em seu interior ocorrem intersecções e superposições entre os diversos elementos concorrentes, podendo também eles se constituírem em sistemas ou subsistemas.

Esta tensão pode se dar, por exemplo, entre obras já canonizadas e obras de vanguarda; autores “queridos” da mídia e outros ainda desconhecidos; repertórios imediatamente aceitos e outros que não encontram reflexos no gosto do leitor; leitores silenciosos e atividades culturais de leitura coletiva; obras indicadas por grandes corporações e autores que acabam por “adaptar” seu repertório em busca de espaço no

campo literário. São todos elementos independentes, constituindo subsistemas, porém coexistindo de forma absolutamente interligada.

Para Even-Zohar, o texto como produto não pode ser visto como o único nem como o aspecto mais importante do sistema literário; há que se potencializar, em condições de igualdade, cada elemento desta rede pertencente ao sistema literário. O texto é parte integrante de um conjunto de outros elementos que se instauram entre o produtor e o receptor da obra literária. A saber: a instituição, o mercado e o repertório. Assim, conforme defende em sua tese o professor Otto Winck, “todo escritor/produtor está inserido num certo sistema cultural e político, (...) é enformado por um determinado discurso – ou feixe de discursos – do poder e regido por um repertório de leis e regras consensuadas”. (WINCK, 2012, p. 99). Além do fato de se estabelecer esta rede de relações entre os elementos do sistema, há ainda as interferências sofridas de condições alheias à literatura e advindas dos campos político, social e econômico.

Para além do produtor e do texto está o leitor, o consumidor de literatura. Este pode ser um leitor unívoco. Mas também são considerados consumidores todos aqueles interessados na atividade literária e que consomem, por vezes, mais a função sociocultural relativa à literatura do que realizam a leitura extensiva propriamente dita; como ocorre quando se reúnem um mediador e um determinado grupo para uma roda de leitura ou para uma Hora do Conto em uma biblioteca escolar. Sob a denominação de instituição, está todo um conjunto de atividades que cancelam ou rejeitam determinada obra. É o caso das listas de vestibulares das universidades ou as obras indicadas para a seleção de mestrado em determinados anos. Compõem também este segmento a Academia, as editoras, a crítica dos jornais, artigos publicados em mídias impressas ou eletrônicas. Já o mercado é formado pelos setores de comercialização da obra, bem como é o responsável pela rede de suas próprias relações. Há ainda um repertório que deve ser compartilhado entre o produtor e o leitor para que o sistema se estabeleça. De tal fato decorre que há determinados produtores que se especializam em escrever para um consumidor em especial, como os escritores do chamado público *teen*.

Em seu artigo, Even-Zohar enfatiza a ideia de que um sistema pode ser tanto um conjunto de relações fechado, em que seus membros recebem seu valor de suas respectivas posições, quanto a ideia de uma estrutura aberta que consiste em uma rede de relações que se interceptam e se sobrepõem em determinados momentos, alternando-se entre si.

Podem ser observadas ainda as tensões relativas às forças conservadoras e renovadoras dentro do sistema. Tais tensões ocorrem de um modo tal que uma obra ou um autor podem ser considerados de grande importância em determinado período e, passados alguns anos, não representarem mais as questões consideradas relevantes para aquele grupo social, deixando de corresponder ao repertório esperado. Isso deve oportunizar a reflexão de que o fato de uma determinada instituição referendar uma obra e não outra, não faz desta menos arte; apenas revela o enfrentamento das condições de tensão dentro do sistema literário e que vão acabar por trazer à tona vanguardas ou por solidificar elementos já propostos.

Assim posto, pode-se compreender que cada elemento deste sistema é fundamental ao mesmo tempo que parcial, visto que é na tensão e na interação entre os diversos elementos internos que reside a dinâmica dos sistemas.

A seguir, a análise de uma obra que permite perceber como a teoria dos polissistemas pode ser percebida na produção literária. Isso, no entanto, não significa que será considerado o sistema literário brasileiro ou mesmo do Paraná, já que o autor aqui privilegiado é Cristovão Tezza, paranaense! – ainda que nascido em Santa Catarina!

Assim, a abordagem aqui proposta objetiva inferir, a partir do enredo do romance *Um erro emocional*, como se interceptam determinados elementos no interior do campo literário.

### **Literatura: uma produção a quatro mãos. Ou mais.**

*O único fracasso a que ele poderia dar importância era o literário.*

(Cristovão Tezza)

Dom Donetti. Escritor premiado. Decadente. Como pode isso? Premiado e decadente?

O romance de Tezza *Um erro emocional* apresenta para o leitor a sensível história do produtor Paulo Antônio Donetti da Silva. Escritor de literatura que, agora numa fase não tão boa, descobre uma revisora – Beatriz – formada em Letras e cujo maior talento é sua paixão pela obra de Donetti. Ela ama sua literatura. Não necessariamente a pessoa que ele é. Assim, a narrativa transcorre no intervalo de tempo em que o produtor Donetti chega à

casa de Beatriz ao anoitecer e a possibilidade de vir a ficar por lá. Eles se conheceram na noite anterior; ocasião em que ela, Beatriz, jantava coincidentemente com um ex-protégido deste escritor.

O texto é construído mais por vazios significativos que por falas propriamente ditas. Com menos de cinquenta indicações de discurso direto para cada personagem ao longo de quase duzentas páginas, o leitor vai conhecendo as dores de cada um e os silêncios de que é feita a alma humana. Como num jogo de xadrez, cada personagem dá seu lance, executando o movimento preciso que irá desencadear o que mais parece um monólogo interior; um fluxo de consciência em que Donetti e Beatriz vão reconstituindo, pelo viés da memória, sua própria história, de modo a tentar compreender – ainda que com olhos de agora – o caminho tomado por suas vidas e de como as escolhas que fizeram os levaram a chegar ao ponto em que atualmente se encontram.

Tezza constrói um texto intenso em que desnuda as condições da produção literária e o entrecruzar dos diversos campos que fazem interferências sobre esta produção. Também é possível se observar como os diversos elementos próprios do campo literário se interceptam e se sobrepõem, conferindo dinâmica ao campo.

Ela, Beatriz, uma apaixonada pela obra de Donetti. Ele, dizendo-se apaixonado por ela comete um erro emocional. A partir de então já é possível perceber que o Produtor Donetti e a Revisora Beatriz vão mais que protagonizar o romance de Tezza. Vão personificar um esquema que permitirá perceber as tensões literárias observadas por Even-Zohar. Cristovão Tezza consegue nesta obra, a exemplo de Flaubert em *A Educação Sentimental* (1869), um verdadeiro acerto literário sob o qual justifica-se a denominação deste artigo.

Começamos então por caracterizar as personagens. Paulo Donetti, o escritor, digo, o produtor, pode ser percebido como um homem já maduro e de maneiras simples. Tinha “mãos de operário”. Um tanto desorganizado. Não bonito, mas sedutor. “Escritores são mesmo seres obsoletos” (TEZZA, 2010, p. 18) como pensa ele a respeito de si mesmo. Com base nestas informações já se pode inferir algumas condições de quem são estes seres, os produtores literários. Vamos perceber que não é preciso ser alguém muito especial ou diverso para escrever literatura. Uma pessoa simples pode fazer arte. Tanto pode que a escritura de uma obra literária é tarefa de alguém com mãos de operário. O que indica, já de início, que escrever é trabalho e árduo.

Estes seres, então, que tomam o ato de escrever literatura como uma tarefa a ser executada, um ofício, contam com um toque de criatividade que na obra aparece sugerida pela citação “desorganizado” uma vez que a criação (produção, escritura literária) advém de dar uma ordem ao que anteriormente se constituía, possivelmente, em caos.

Se não bonito, mas sedutor é uma adjetivação que sugere o encantamento que a arte e, por conseguinte, a literatura exercem sobre o ser humano; a sedução, como a própria palavra diz. Os produtores de literatura seriam, assim, seres capazes de seduzir as outras pessoas pelo ofício a que se dedicam: ao uso da palavra. O que, inclusive, nos remete ao conto de Nietzsche “A velha e a Nova” do livro *Assim falou Zaratustra* em que a mulher é tomada como metáfora de *palavra* justamente pelo seu poder de sedução (do alemão, *verführen*).

São ainda os produtores criaturas obsoletas, ou seja, nos remetem a um mundo de coisas antigas ou como que ultrapassadas. Talvez de onde tirem seu repertório; de escrever sobre os temas que nos constituem desde sempre como seres humanos: o amor, a vida, a morte, a memória, por exemplo. “A memória queima até / restar o osso duro / irremovível e áspero / Fora dela, brilha o deserto” (TEZZA, 2010. p.42). Também podem ser considerados obsoletos, pois que de tempos em tempos há uma subversão na ordem de aceitação de determinados repertórios dentro do campo, o que pode vir a tornar alguns produtores mais “bem vistos” que outros. Por vezes, alguns são “revividos”, ainda que em aspectos de intertextualidades, acabam meio que por voltar à tona, como deseja o próprio Donetti em referência à Philip Roth.

Quanto a Beatriz, é personagem caracterizada como detalhista, lembra uma pessoa cartesiana, seu olhar tem um “fio de frieza que ele pressentia mesmo no escuro” (TEZZA, 2010, p.14), é formada em literatura – faculdade de Letras, gosta de literatura densa, pesada, é organizada e tem na parede o quadro *O beijo*, de Klimt, um pintor simbolista. Não se pode deixar de observar que, no Brasil, o simbolismo remonta à época da formação da Academia Brasileira de Letras – instituição com poder suficiente para chancelar uma obra, um produtor. Ou não.

Esta é a personagem a quem Donetti procura para pedir que revise seus textos. Mas não tão somente isso. Ele precisa que ela o auxilie na escrita do texto, ou seja, que sua obra acabe sendo construída, então, a quatro mãos. Fica evidente assim, pela personificação de Beatriz, a força das instituições dentro do campo literário. O próprio produtor se vê

forçado a recorrer a elas, inclusive até com certa submissão, pois que se declara impossibilitado de concluir sua obra sem esta ajuda. Além disso, usa ele do artifício de dizer-se apaixonado por ela, na tentativa de seduzi-la, quando o que procura é, na verdade, o aval para a obra que está em elaboração. Não é à toa que Beatriz se sente lisonjeada, mas desconfiada daquela súbita paixão. Enquanto ele é movido pela criatividade, ela é fria. É a racionalidade em pessoa, ou seja, para as instituições não basta a sedução (vinho e palavras faladas ou manuscritas) do autor, é preciso tempo e convencimento. O fato de ela ser formada em literatura também permite inferir que as exigências por ela feitas não são aleatórias, mas sim fundamentadas; não significam apenas um mero querer. Por isso, o referendo dela – que personifica as instituições – para uma obra dele já significa um passo em direção ao sucesso; “ele teria o privilégio de contar com uma leitora assim” (TEZZA, 2010, p. 430). Apesar de que ele seria capaz de mesmo no escuro – tateando no ato da escritura – perceber a presença daquele olhar de frieza.

Outro elemento do campo que interfere na produção da obra literária diz respeito à diferença entre o produtor de literatura e o homem como pessoa apenas no desempenhar de seu papel social. Nas palavras de Beatriz: “Tão extraordinário por escrito e aparentemente tão estúpido ao vivo” (TEZZA, 2010, p. 10). Isso nos leva a pensar que é muito grande a diferença, por vezes, de como o produtor percebe a si mesmo e de como ele é percebido no meio em que circula. Outra citação que reforça esta ideia aparece quando pensa “controlando a má vontade com qualquer pessoa que lhe queira dizer o que ele é” (p.46). No entanto, há a consciência de que são papéis distintos: o de escritor e o homem como ser social, mas que aparecem sobrepostos na obra como por ocasião do julgamento Donetti quando este pensa que “ele mesmo fosse fisicamente o kitsch que escrevesse” (p. 23).

Por isso vale o questionamento: a obra é fruto do trabalho exclusivo do produtor ou ele próprio é resultado da influência de toda uma sociedade na qual está inserido? Isso sem falar que tudo quanto o constitui como pessoa e como produtor também resulta de toda fonte da qual bebeu durante sua história; um eterno intertexto. É também para onde nos remete o trecho de quando a respeito de um conto seu, Donetti declara: “será que ela não consegue encontrar beleza nenhuma naquele retrato delicado? Há uma cena idêntica num belo romance de Philip Roth” (TEZZA, 2010, p. 64). A diferença é que o conto por ele escrito e citado fora publicado em uma revista Playboy para a qual não se dá o menor

crédito literário no meio cultural. Ou seja, o veículo de comunicação também interfere no valor considerado do produto ofertado. É arte. Desde que publicado em forma de Romance e não em uma revista masculina.

Visto sob esta ótica, a literatura é um elo absoluto que liga duas pessoas indefinidamente; ainda que de épocas diferentes. E este diálogo entre duas obras denota as condições de reprodução intrínsecas ao próprio sistema responsáveis por diferenciar e delimitar o que é legítimo do que será desvalorizado; o que é balizado e o que pode vir a ser rejeitado, ou seja, o sistema literário se desenrola no tempo, fazendo com que uma obra acabe por referendar outra. Além disso, fenômenos como premiações, financiamentos, auxílio a fundos de pesquisa são também manifestações desta dinâmica de regularidade a que se refere Even-Zohar.

Uma situação no texto de Tezza que nos remete a esta dinâmica é o fato de o produtor Donetti ter sido contemplado com o Prêmio Jabuti de Literatura, fazendo menção justamente a esta chancela a ele e à sua obra concedida. A partir de então, desencadeia-se uma sequência temporal de valorização do trabalho de Donetti. Chega até a lhe aparecer um “pupilo” – um jovem produtor – que o admira e que o toma por mestre inspirador. A isto chamamos capital simbólico, o valor de uma obra ou de um produtor capaz de influenciar outros elementos dentro do campo. “o rapaz pobre do interior precisando de apoio, e ele, generoso, abrindo-lhe as portas de casa como um duque esclarecido do século XVIII” (TEZZA, 2010, p. 107), lembrando como bem explana em sua obra *As regras da arte*, Pierre Bourdieu, ao relatar o passo histórico fundamental que foi para o campo literário a “libertação” do mecenato. Pois que, a partir, de então o produtor pode dedicar-se mais criadoramente à sua obra sem precisar construir apenas aquilo que lhe era solicitado, ou melhor dizendo, mandado, encomendado.

Também houve a ocasião de uma atividade literária que ele abandonara ainda em andamento: “talvez não recebesse depois do vexame de se levantar da mesa-redonda e desaparecer de lá...” (p. 70) demonstrando sua completa rejeição pela pressão exercida por estas instituições cujo maior bem “literário” é o capital econômico por elas sustentado. Tal é sua antipatia por este tipo de evento que considera tão vexatória sua saída, quanto a situação financeira em que se encontra e tendo de se sujeitar a isso. Também revela seu desprezo por estes eventos quando declara que o que realmente pensa nada tem a ver com as declarações naquela ocasião proferidas. Seus comentários eram apenas respostas prontas

e ensaiadas para, propositadamente, corresponder ao que se dizia esperar dos produtores nestas ocasiões.

A preocupação com a interferência econômica no campo da arte também está presente desde sempre. No entanto, um fator que muito veio a contribuir para com o mercado da literatura foi o aumento do número de pessoas escolarizadas oportunizando um avanço em duas frentes, pois se percebe que

Entre estas mudanças, a mais determinante é sem dúvida o crescimento (ligado à expansão econômica) da população escolarizada (em todos os níveis do sistema de ensino) que está no princípio de dois processos paralelos: o aumento do número dos produtores que podem viver de sua pena ou tirar sua subsistência dos trabalhos oferecidos pelas empresas culturais e a expansão do mercado dos leitores potenciais. (BOURDIE, 1996, p. 148)

Voltando à situação entre Donetti e seu pupilo, tudo ia muito bem enquanto o jovem apenas o admirava, não competindo contra ele no campo literário. Mas com o tempo o próprio jovem produtor – Cássio – acaba por entrar em conflito com Donetti ao ter sua literatura reconhecida pela editora, ao passo que a do então mestre entra em franca decadência, visto que ele não consegue mais escrever e o pouco que escreve não encontra apoio da crítica ou das editoras. Há, inclusive, a menção ao plano econômico da época como fator que interfere diretamente sobre a decisão dos editores para a não publicação de uma obra sua. Alegam que com a crise econômica as vendas de livros caíram. No entanto, a obra de Cássio vai a público denotando uma abertura de espaço para novos produtores dentro do campo o que garante a continuidade do sistema. Todavia, aqueles como anteriormente Cássio e agora Donetti estão despossuídos do capital simbólico ficam à mercê das regras impostas pelas instituições com poder para referendar este ou aquele produtor. A partir de então, o poder econômico de Donetti diminui, sua condição social decai e as relações afetivas desandam. Lembra nossa personagem de quando recebeu a crítica de sua obra no “Suplemento de Arte demolindo-o até a última linha com o sadismo certo dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa” (TEZZA, 2010, p.91). É este outro exemplo claro da tensão entre os posicionamentos dos produtores e o da crítica em que – por muitas vezes – não há coincidência de opiniões nem de valores, apenas a crítica feita apesar da falta de profissionais qualificados para tal em nosso país.

É nesta situação que ele chega até Beatriz. Aquele que era, num primeiro momento, um produtor balizado e até agraciado com um prêmio da importância do Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, se vê agora rechaçado, enquanto o jovem aprendiz cai nas graças de uma determinada editora e terá seu livro publicado. Esta situação, então, pode ser tomada como exemplo das forças de tensão entre o cânone e a vanguarda. Há uma constante e salutar luta pela ocupação de um lugar no campo literário o que, inclusive, confere vitalidade ao sistema impedindo que se torne obsoleto e perca sua importância no universo cultural.

O que não se admite no campo literário, no entanto, é que a chancela ou a rejeição a uma determinada obra ou produtor advenha de outro campo que não o literário. Decorre daí a decepção de Donetti ao ver-se pressionado pelo dinheiro pago em uma mesa-redonda, como a situação anteriormente descrita, para continuar sobrevivendo.

Tanto é assim que, no atual momento, está o produtor Donetti em casa de Beatriz, desejando passar a noite lá não apenas por dizer-se apaixonado por ela. Não é possível a ele ignorar que não tem mais como pagar a conta no hotel em que se hospedara. Ele mora em São Paulo, mas está em Curitiba de passagem, tencionando mudar-se para cá. Contudo, no momento não sabe ao menos se terá o dinheiro para a passagem de volta.

Apesar desta situação econômica delicada, ele mesmo declara que sua única preocupação consiste na possibilidade do fracasso literário. Ou seja, não se pode permitir que um produtor literário tenha seu valor definido pelo quanto recebe de salário ou de cachê: “para ficar pelo menos mais um dia, pagando uma absurda diária a mais que, praticamente, lhe levava o cachê ainda não recebido” (TEZZA, 2010, p.70). Não é aceitável a interferência do campo econômico sobre o campo da arte, apesar de que, como nos permite inferir a obra literária aqui abordada, esta interferência ocorre e sequer se manifesta assim tão sutilmente. Pelo contrário, tensiona e força o produtor, por vezes, a rever todo seu trabalho e até mesmo suas relações com o campo social, como a família, por exemplo, que sem dinheiro pode acabar por ver separados seus membros. Ainda assim, para ele é antes sem dinheiro que escrever apenas para vender.

São diversas as ocasiões em que defende seu produto como de alta qualidade e importância. Pois que a literatura está para o homem como os óculos estão para o míope, permitindo “um pequeno ajuste de contornos que dê a nitidez da forma” (TEZZA, 2010,

p. 18). Se vida é sombra, literatura são os óculos que permitem ver melhor, ver o que está diminuído, clarear o que se faz obscuro, ver em detalhes, ver para além de; literatura é luz.

## Conclusão

Nas palavras ainda do pensador Pierre Bourdieu, todas estas aproximações realizadas entre os diferentes elementos dentro do campo literário, ou seja – no presente caso – dentro da obra *Um erro emocional*, de Cristovão Tezza, correspondem, conforme declaram em seu artigo Miguel Ângelo e Maria Inez Montagner, a um conceito dinâmico “onde as variáveis geracionais, de grupos, de classe, de sexo e até mesmo de capacidades pessoais integram uma luta pela legitimidade”.

Se a arte é definida pela intencionalidade de seu autor, parece legítimo acreditar na plena consciência do produtor Cristovão Tezza para com *Um erro emocional*. Consciência esta que acentua ainda mais o vigor criativo do produtor cuja capacidade, muito para além da criatividade, perpassa o valor cultural e intelectual que, como também nos mostra Bourdieu, se há um intelectual autorizado a fazer crítica sobre a arte é o produtor do objeto cultural.

Inegável a vitalidade revelada por Tezza ao dotar suas personagens de atitude e voz – ainda que no vazio deixado pelo silêncio – para denunciar as pressões enfrentadas por quem deseja tornar cotidiano o ofício de produtor de literatura, especialmente quando se dispõe a enfrentar os percalços no interior do próprio campo literário.

Um percalço que, certamente, merece destaque nesta obra é a ausência da obra propriamente dita – uma vez que está ainda em processo – e a ausência de um consumidor. Não obstante, esta sinalização demarcada pela citação do editor ao declarar que as vendas caíram, dentre os diversos elementos integrantes do campo literário, sem dúvida alguma, entre eles estão o consumidor e a obra. A ausência de ambos, então, nos permite inferir a dimensão da crise enfrentada pelo nosso produtor Donetti. Se nos lembrarmos que ele é a personificação da própria literatura, inferimos também que a crise é mais ampla do que até então havia sido possível perceber.

Talvez como acontece com muitos produtores que têm em seu editor o mais perfeito colaborador para um texto a quatro mãos, talvez também assim ocorra a Donetti ao contar com sua *personal reviewer* Beatriz.

De qualquer modo, pois vale muito a pena a leitura da obra, todos os elementos integrantes e interrelacionados do campo literário colaboram, como visto aqui, para o nascimento e a circulação do objeto cultural livro de literatura.

## Referências

- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2005.
- EVEN-ZOHAR, I. *Teoria dos Polissistemas*. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>>. Acesso 27 mai. 2015.
- MONTAGNER, M. A. *A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura*. Disponível em: <<http://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/viewFile/979/919>>. Acesso em 01 jun. 2015.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2015.
- TEZZA, C. *Um erro emocional*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- WINCK, O. L. *Minha pátria é minha língua: construção da identidade e sistema literário na Galiza*. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/27747/R%20-%20T%20-%20WINCK,%20OTTO%20LEOPOLDO.pdf?sequence=1>>. Acesso em 27 mai. 2015.

## Cynthia Mara Masetto

---

Mestranda do Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade. Formada em *Letras – português* pela UFPR e com especialização em *Literatura brasileira e Construção do texto* pelas Faculdades Bagozzi. Trabalha como professora do Ensino Fundamental II pela Prefeitura Municipal de Curitiba onde desenvolveu atividades como Agente de Leitura na Biblioteca Escolar; trabalho este voltado para a Literatura e o fomento à leitura.  
E-mail: [cinthiamasetto@yahoo.com.br](mailto:cinthiamasetto@yahoo.com.br)

## Otto Leopoldo Winck

---

É doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, onde também atuou como professor substituto por dois anos. É escritor; autor do romance *Jaboc*, vencedor do Prêmio Nacional de Academia de Letras da Bahia de Romance 2005, lançado em 2006 pela editora Garamond.  
E-mail: [ottowinck@yahoo.com.br](mailto:ottowinck@yahoo.com.br)

*Enviado em 30 de junho de 2015.*

*Aceito em 30 de janeiro de 2016.*